

18 / 04 / 2016 → 29 / 04 / 2016

VILLES PARTENAIRES : Asunción - Caracas - Montevideo - Paris - Porto Alegre - Rosario - Santa Fe - Santiago.

ÉCOLES/UNIVERSITÉS PARTENAIRES AYANT PARTICIPÉ AU WORKSHOP 2016 :

Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo, Universidad Nacional del Litoral, FADU-UNL, Santa Fe, Argentine.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Arquitetura, UFRGS, Porto Alegre, Brésil.

École Nationale Supérieure d'Architecture de Paris-La-Villette, ENSAPLV, Paris, France.

ACTEUR LOCAL PRINCIPAL : AAMJU : Associação de Amigos e Moradores do Jardim Universitário

(Association des Amis et des Habitants du Jardin Universitaire, Porto Alegre).

INVITÉS À LA PRÉSENTATION PUBLIQUE LE 3 JUILLET 2016 À L'ENSAPLV :

M^{me} Florinda AMAYA, architecte, professeure UCV, Caracas, Venezuela ; M. Pierre BOUCHÉ, architecte urbaniste, enseignant ENSAPLV ;

M^{me} Ritu DESHMUKH, architecte, professeure & Principal, BVCOA, Navi Mumbai, Inde ; M^{me} Yuraima MARTIN, architecte, professeure UCV,

Caracas, Venezuela ; M. Gustave MASSIAH, économiste, ancien professeur à l'ENSAPLV ; M. Raoul PASTRANA, architecte urbaniste,

ancien professeur à l'ENSAPLV ; M. Hervé THOMAS, sociologue, enseignant à l'ENSAPLV.

APPUI DES SERVICES DES RELATIONS INTERNATIONALES : M. Nicolas MAILLARD, Professeur, Dean of International Office, UFRGS/RELINTER.

AIDE ET SOUTIEN DES SERVICES CONSULAIRES : M^{me} Karine LEHMANN, Chargée de la diffusion de l'information, Service éducation, Ambassade

du Brésil en France ; M^{me} Emili DE OLIVEIRA, Coordinatrice de la coopération universitaire et scientifique, Ambassade du Brésil en France.

PARTICIPANTS AU WORKSHOP 2016 /// BRÉSIL - UFRGS - PORTO ALEGRE

FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO :

ÉTUDIANT-E-S : Bruno LOFF FERREIRA LEITE, Carolina DE BASTIANI GRUBERT, Caroline BARIVIERA, Ana Luísa WÜLFING,

Elisa ESCOSTEGUY UTZIG, Elisa Teresinha KLEINUBING, Estela SALVAGNI TOMAZEL, Filipe FISCHBORN BAUMBACH,

Franciele PRIETSCH OLIVEIRA, Gustavo DE CASTRO PIRES, Jamile TABBAL MALLET, Jean Michel FORTES DOS SANTOS,

Lucas DORNELES MAGNUS, Lucia TORRES, Marina MONTEMURO VARELA, Waleska ANDRZEJEWSKI AVOZANI.

ENSEIGNANT-E-S : Bárbara Maria GIACCOM RIBEIRO, Ines Martina LERSCH, João FARIAS ROVATI, Clarice MISOCZKY DE OLIVEIRA.

FACULDADE DE ENGENHARIA HÍDRICA & ENGENHARIA AMBIENTAL :

ÉTUDIANT-E-S : Felipe CORREIA PRESSER, Julia MACHADO PELEGRINI, Leo KEM DORFMAN, Martim MANDARINO ALVES,

Paula RIEDIGER, Rodrigo BORGES DA FONSECA BINS, Tiago ZANON DA SILVA. **ENSEIGNANT :** Carlos André BULHÕES MENDES.

ARGENTINE - FADU/UNL - SANTA FE :

ÉTUDIANT-E-S : Agostina Maria BELLAVIGNA, Florentina Betti DALL'AVA, Gabriel BARBIERI, Maria Antonella PODIO,

Maria Florencia LAZZARINI, Matías CLIVER GIANINI, Maximiliano José FERCHER.

ENSEIGNANTS : Diego Adolfo VALIENTE, Ricardo Gabriel GIAVEDONI, Javier Alejandro PORETTI.

FRANCE - ENSAPLV - PARIS :

ÉTUDIANT-E-S : Anaïs GOMES, Angela LEBORNE, Claudia CORNEJO ELIAS, Clémentine RIERA, Coralie BRETTE, Elham AZARSA,

Emanuela PASSADORE, Océane JUMEL, Zoé PECETTO AÏT HAMOUDA, Solène SIMONNEAUX, Solenn FALAISE, Mathéo FRADET,

Mathilde FOUCAULT, Raja ASSWAD. **ENSEIGNANTS :** Marc BOURDIER, Claudio SECCI.

30°S

PORTO ALEGRE

PORTO ALEGRE 2016 “DEVENIR DE QUARTIERS AUTOPRODUITS (FAVELAS) EN LITS DE RIVIÈRE”

Marc Bourdier, Claudio Secci (ENSAPLV) & João Farias Rovati (UFRGS)

L'atelier international intensif de travail (ou workshop) qui s'est tenu du 18 avril au 29 avril 2016 à Porto Alegre au Brésil s'inscrit comme action de la coopération France & Mercosur + qui a lieu chaque année en Amérique du Sud. Ce workshop est au centre d'un dispositif pédagogique semestriel.

L'enseignement se compose en trois temps :

- un **“Avant”** : la préparation, ici liée à l'enjeu du workshop brésilien, a porté sur le thème de “l'architecture de l'eau dans l'espace parisien” et autour de sept entrées : l'eau de ruissellement, l'eau navigable, l'eau d'agrément, l'eau grise (ou usée), l'eau potable (approvisionnement), l'eau des crues (inondations).
- un **“Après”** : la valorisation, après le retour à Paris, du travail fait en workshop a abouti à une présentation publique qui s'est tenue le 1er juillet 2016 à l'ENSAPLV.
- un **“Entre-deux”** : le workshop proprement-dit propose des échanges avec des étudiants et des enseignants en architecture provenant de six pays de ce Cône Sud.

Apprendre des villes sud-américaines

Depuis 2006, chaque workshop interroge les ‘pratiques du projet urbain’ en prenant différentes villes sud-américaines comme études de cas (9 à ce jour). Les situations de projet ont abordé des enjeux particuliers aux villes extra-européennes où l'urbanisme est mis à mal, c'est-à-dire : où la planification habituelle, à savoir celle qui maîtrise le développement urbain, ne suffit plus ; où la planification informelle devient une forme d'urbanisation courante ; où des secteurs urbains très fortement équipés en côtoient d'autres ne possédant pas les services de base minimum (eau, tout à l'égout, électricité, etc.) ; où les mutations sont rapides (croissance ou décroissance, abandon, migration, etc.) ; où des territoires urbains sont habités alors qu'ils sont exposés à des risques connus (inondations, éboulements, etc.). Ces situations de projets sont abordées par une démarche qui place le ‘TRAVAIL DE TERRAIN’ au cœur du workshop. Le terrain est considéré ici comme l'espace de référence de l'émergence d'intentions de projets pour donner à voir des futurs urbains.

Porto Alegre : “devenir de quartiers autoproduits (favelas) en lits de rivière”

La ville de Porto Alegre a été fondée sur un territoire d'eau. La croissance rapide a porté l'urbanisation à se rapprocher des lits de rivières et des lacs, ainsi que plus récemment des sources d'eau situées sur le territoire de colline dans un ‘hinterland’. La population la plus fragile s'est installée sur ces territoires d'eau, inondables, en produisant des quartiers autoproduits dits favelas (ou à Porto Alegre villas).

Ces territoires font face à un double enjeu urbain relatif à la fois aux risques d'inondations et à la pollution de l'eau. Si l'eau est un bien commun essentiel pour alimenter une ville, à Porto Alegre elle est polluée dès sa source. Comment imaginer des projets architecturaux et urbains qui préservent l'eau et l'environnement tout en prenant en compte la situation des quartiers autoproduits ?

Le travail s'est donc situé au croisement de deux processus urbains : l'eau dans l'urbanisation, d'une part, et l'autoproduction urbaine, d'autre part.

PORTO ALEGRE 2016 “O FUTURO DOS BAIRROS AUTOCONSTRUÍDOS (FAVELAS) EM LEITOS DE ARROIOS”

Tradução em português por João Farias Rovati (UFRGS)

O ateliê internacional intensivo de trabalho (workshop) efetivado entre 18 e 29 de abril de 2016 em Porto Alegre, Brasil, se inscreve em ação de cooperação França & Mercosur+ realizada anualmente na América do Sul.

Este workshop está no centro de um dispositivo pedagógico semestral. As atividades de ensino se organizam em três tempos:

- um **“antes”**: a preparação, relacionada às questões do workshop brasileiro, tratou do tema da “arquitetura da água no espaço parisiense” e abordou sete aspectos: a água de escoamento (drenagem), a água navegável, a água das fontes (jardins), as águas servidas (esgotos), a água potável e as águas das enchentes (inundações).
- um **“depois”**: a valorização, após o retorno à Paris, do trabalho feito no workshop, que culminou na apresentação pública realizada dia 1º de julho de 2016 na ENSAPLV;
- um **“entre dois”**: o workshop propriamente dito, que propôs trocas entre estudantes e professores de arquitetura provenientes de três países do Cone Sul.

Aprender com as cidades sul-americanas

Desde 2006, cada workshop questiona as “práticas de projeto urbano”, tomando diferentes cidades sul-americanas como estudo de caso (9 cidades, até o momento). As situações de projeto abordam questões pertinentes a cidades não europeias, onde o urbanismo não joga papel importante, ou seja, onde o planejamento tradicional, aquele que gere o desenvolvimento urbano, já não é eficiente; onde a urbanização informal torna-se uma forma recorrente de urbanização; onde setores urbanos com boas infraestruturas e equipamentos ladeiam outros que não possuem serviços básicos mínimos (redes de água e esgotos, de eletricidade, etc.); onde as transformações são rápidas (crescimento, decadência, abandono, migrações, etc.); onde os territórios urbanos são ocupados mesmo quando apresentam riscos reconhecidos (inundações, deslizamento de terras, etc.).

Estas situações de projeto são abordadas com base em metodologia que situa o “TRABALHO DE CAMPO” no coração

do workshop. O terreno é considerado aqui como espaço de referência de onde emergem as intenções dos projetos que configuram cenários urbanos futuros.

Porto Alegre: “futuro dos bairros autoconstruídos (favelas) em leitos de arroios”

A cidade de Porto Alegre constituiu-se em um território de águas. O crescimento rápido aproximou a urbanização do leito de rios e lagos e, mais recentemente, de nascentes situadas nas colinas de seu hinterland. É a população mais vulnerável que se instala nesses territórios, às vezes em áreas inundáveis, onde se constituem bairros autoconstruídos denominados favelas (ou, em Porto Alegre, vilas). Estes territórios se colocam diante de um duplo desafio urbano, ao mesmo tempo relacionado aos riscos de inundações e à poluição das águas. Se a água é um bem comum essencial para alimentar uma cidade, em Porto Alegre, ela é poluída desde suas nascentes. Como imaginar projetos arquitetônicos e urbanos que preservem a água e o ambiente e, ao mesmo tempo, levem em conta a situa-

Les acteurs impliqués ont été principalement les communautés habitantes des favelas (Associação De Amigos E Moradores do Jardim Universitário) ainsi que des étudiants ingénieurs hydrauliciens présents sur le site (Campus Valle, Engenharia Hídrica & Engenharia Ambiental).

“Bacia Mãe d’Água”, un territoire emblématique : un bassin versant et sa dizaine de sources...

Le territoire choisi se trouve à une dizaine de kilomètre du centre ancien de Porto Alegre. Treize sources se situent sur un “bassin versant” appelé “Bacia Mãe d’Água” (‘La mère de l’eau’) et se déversent d’abord dans un barrage, puis dans une rivière, ‘Arroio do Dilúvio’ qui traverse la ville de Porto Alegre jusqu’au lac (‘Lago Guaíba’).

Si une première urbanisation planifiée a mis en place une structure d’îlots rectangulaires et une hiérarchie des voies (avenues, rues), lorsque le Campus de l’Université s’est installé sur ce site, les terrains les plus difficiles, ceux situés en lits de rivières, ont été occupés de façon informelle. L’institut universitaire qui s’est installé sur ce bassin versant est un insti-

tut des ingénieurs hydrauliciens qui voulait se localiser là où un enjeu disciplinaire était patent. Il y a créé un barrage pour retenir l’eau sortant des multiples sources.

Huit sites ont été proposés au travail. D’une part, ils avaient en commun d’appartenir au même bassin versant. D’autre part, le choix s’est porté sur des situations différentes : quartiers autoproduits sur une source ; en lits de rivières ; sur la ligne de démarcation des eaux ; sur le bord du barrage de l’institut des ingénieurs hydrauliciens ; etc.

L’importance du workshop pour notre partenaire brésilien...

Pour le partenaire brésilien qui accueillait le workshop, ce type d’action, de par son inscription locale, sa dimension pédagogique et les perspectives induites, revêt une importance particulière telle que l’exprime le Professeur João Farias Rovati : « *Le principal objectif du workshop de Porto Alegre, réalisé du 15 au 30 avril 2016, a été de mener une expérience d’élaboration participative de projet urbain à partir de zones urbaines localisées dans le Bassin Mãe d’Água (municipalité de Viamão), près du campus*

de Vale de l’UFRGS. Plus spécifiquement, les objectifs suivants étaient visés : - promouvoir la rencontre entre étudiants et enseignants d’architecture et d’ingénierie de différents pays (y ont participé des Brésiliens, Français et Argentins), visant le développement d’une culture de projet participative ; - promouvoir le contact de l’université avec la réalité sociale et urbaine des périphéries métropolitaines et leurs leaders communautaires ; - développer une réflexion sur l’expérience et en divulguer les résultats, en vue d’en discuter et de l’approfondir.

L’action s’est révélée précieuse sur le plan pédagogique et social. L’atelier a mené des expériences très intéressantes du point de vue de l’enseignement-apprentissage. La communauté, par l’implication solidaire de nombreux habitants, a trouvé là une occasion de dialogue et d’élaboration des problèmes touchant cette zone, notamment ceux liés au traitement des eaux d’égouts et des résidus solides et aux problèmes de drainage. Ce workshop a proposé l’expérimentation de pratiques pédagogiques novatrices, fondées sur l’observation directe de la zone d’étude et sur le contact permanent avec la population locale.

ção desses bairros autoconstruídos? O trabalho situou-se, então, no entrecruzamento de dois processos urbanos: a água na urbanização, de uma parte, e a autoconstrução urbana, de outra. Os atores implicados foram principalmente as comunidades residentes nas favelas (Associação de Amigos e Moradores do Jardim Universitário), bem como estudantes de engenharia hídrica e ambiental presentes neste mesmo sítio (Campus do Vale, Instituto de Pesquisas Hidráulicas).

Bacia Mãe d’Água: um território emblemático contendo uma dezena de fontes...

O território escolhido se encontra a cerca de dez quilômetros do centro histórico de Porto Alegre. As diversas fontes localizadas na bacia hidrográfica chamada Mãe d’Água deságuam, inicialmente, em uma barragem e, depois, num arroio, o Arroio Dilúvio, que atravessa a cidade de Porto Alegre até alcançar o lago Guaíba. Se uma primeira urbanização planejada implantou ali uma estrutura de quarteirões retangulares e uma hierarquia de vias (avenidas, ruas), quando o Campus

da Universidade se instalou neste sítio até mesmo os terrenos de acesso mais difícil, situados nos leitos dos cursos d’água, foram ocupados de maneira informal. O instituto universitário que ali se instalou é um instituto de engenheiros hídricos, que queriam localizar-se neste sítio onde estavam presentes questões pertinentes à disciplina. Eles então construíram ali uma barragem para reter as águas originadas de múltiplas fontes. Oito sítios de trabalho foram propostos aos estudantes. De uma parte, tinham em comum o fato de pertencerem à mesma bacia hidrográfica. De outra parte, a escolha considerou situações distintas: bairros autoconstruídos sobre nascente, sobre o leito dos arroios, sobre o divisor de águas, nos bordos da barragem do Instituto de Pesquisa Hidráulicas, etc.

A importância do workshop para nossos parceiros brasileiros

Para os parceiros brasileiros, que acolheram o workshop, este tipo de ação, a par sua inserção local, sua dimensão pedagógica e as perspectivas induzidas, revestiu-se de importância particular, tal como expri-

miu o Professor João Farias Rovati: “*O principal objetivo do workshop de Porto Alegre, realizado de 15 a 30 de abril de 2016, foi desenvolver uma experiência de elaboração participativa de projeto urbano a partir da abordagem das áreas urbanas localizadas na Bacia Mãe D’Água (município de Viamão), junto ao Campus do Vale da UFRGS. Mais especificamente, foram seus objetivos:*

- promover o encontro entre estudantes e professores de Arquitetura e Engenharia de diferentes países (participaram docentes brasileiros, franceses e argentinos) visando o desenvolvimento de uma cultura projetual participativa;

- promover o contato da Universidade com a realidade social e urbana das periferias metropolitanas e suas lideranças comunitárias;

- desenvolver reflexão sobre a experiência e divulgar seus resultados, visando debater-la e aprofundá-la.

A ação revelou-se valiosa nos planos pedagógico e social. O ateliê desenvolveu experimentos instigantes do ponto de vista do ensino-aprendizado. A comunidade, através do envolvimento solidário de

Les résultats du travail mené se sont révélés encourageants pour tous les partenaires impliqués dans cette action. L'atelier a contribué à la diminution de la distance et des préjugés existant encore entre l'architecture et l'ingénierie. Les échanges réalisés entre les différentes cultures nationales participant à cette action ont été intenses et très importants. L'atelier a également contribué à la reconnaissance de l'importance de la participation de la population résidant dans les périphéries métropolitaines pour la formulation de solutions aux problèmes qui l'affligent - en l'occurrence, particulièrement liés à l'eau (inondations, égouts inexistantes ou précaires, cours d'eau servant de dépotoirs de résidus solides, etc.). Ce projet a compté sur l'appui de la vice-présidence d'extension et du Secrétariat des relations internationales de l'UFRGS. (...)

Les actions d'extensions universitaires brièvement rapportées ici, modestes et ponctuelles, ont donné l'occasion de s'engager aux étudiants en architecture ayant des demandes sociales concrètes d'une grande complexité ; et, face à ces demandes, le besoin s'est fait sentir d'exploiter des voies

alternatives, de nouvelles pédagogies et de nouvelles pratiques projectuelles. L'occasion de cette expérience s'est révélée importante pour nos étudiants, comme le suggère le témoignage de l'un des participants à ces actions :

“Quant au projet réalisé, ç'a été une très bonne expérience, parce qu'on a fait un projet pour de vraies personnes, ayant des problèmes et des besoins réels, très courants dans l'ensemble du Brésil ; vu que, pendant nos études à la faculté, nous ne réalisons que des projets pharaoniques pour millionnaires”».

L'importance du workshop pour l'équipe de l'ENSAPLV : ce que nous avons appris !

Pour l'équipe de l'ENSAPLV, de nombreuses questions émergent depuis 10 ans dans nos workshops en Amérique du Sud et en particulier la question des quartiers autoproduits. Deux observations méritent d'être rapportées concernant ce que nous avons appris :

En termes de démarche de projet : un territoire, plusieurs sites, une diversité d'approches.

À Porto Alegre, le fait de faire travailler des étudiants en architecture avec des élèves ingénieurs a posé des questions nouvelles. En effet, sur des territoires autoproduits, les ingénieurs ont une approche très pragmatique, avec beaucoup de précautions sur la question sociale : “nous avons les solutions techniques, mais le social nous échappe!”. Les étudiants en architecture ont tenté de se saisir de ce défi, mais en oubliant parfois de le faire à partir de leur champ de compétences, l'architecture.

Dans les quartiers autoproduits, le travail de terrain est incontournable pour documenter et comprendre une situation de projet : de quoi se constitue cette situation ? Qui fait quoi sur le territoire ? Qu'est-ce qui n'est pas pris en charge par ceux qui habitent un territoire ? Etc. Ces quelques questions permettent déjà de dire ce qu'il serait possible d'imaginer en termes d'actions.

De retour à Paris, les questions du rôle de l'architecte, en situations d'autoproduction ont été remises sur la table. Démunis avec les outils et démarches habituels, les étudiants ont mis en relief les différentes manières de faire que les équipes avaient mises en place sur le terrain.

muitos moradores, encontrou uma oportunidade de diálogo e elaboração dos problemas que alcançam a área, de modo especial aqueles relacionados à coleta de esgotos e resíduos sólidos e aos problemas de drenagem. O workshop propôs a experimentação de práticas pedagógicas inovadoras, fundamentadas na observação direta da área de estudo e no contato permanente com a população residente. Os resultados do trabalho desenvolvido mostraram-se animadores para todos os parceiros envolvidos na ação. O ateliê contribuiu para a diminuição da distância e preconceitos ainda existentes entre Arquitetura e Engenharia. Foram intensas e muitos importantes as trocas realizadas entre as diferentes culturais nacionais participantes da ação. O ateliê contribuiu também para o reconhecimento da importância da participação da população residente nas periferias metropolitanas na formulação de soluções para os problemas que os afligem - no caso, particularmente relacionados à água (inundações, esgotos inexistentes ou precários, cursos d'água servindo de depósito de resíduos sólidos, etc.). O

projeto contou com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS. (...)
As ações de Extensão aqui sucintamente relatadas, modestas e pontuais, oportunizaram a experiência do envolvimento do estudante de Arquitetura com demandas sociais concretas de grande complexidade; e, diante delas, ganhou corpo a necessidade de explorar caminhos alternativos, novas pedagogias e novas práticas projetuais. A oportunidade desta experiência tem se revelado importante para nossos alunos, como sugere o relato de um dos participantes destas ações:

“Sobre o projeto realizado, foi uma experiência muito boa, já que foi feito um projeto para pessoas reais, com problemas e necessidades reais, muito comuns em todo o Brasil; e uma vez que durante o curso da nossa Faculdade realizamos apenas projetos faraônicos para pessoas milionárias.”

A importância do workshop para a equipe da ENSAPLV: o que nós aprendemos!

Para a equipe da ENSAPLV, numerosas questões têm emergido após 10 anos de workshops na América do Sul, entre elas,

em particular, a questão dos bairros autoconstruídos. Duas observações merecem ser reportadas concernentes ao que nós aprendemos:

Em termos de procedimento de projeto: um território, diversos sítios, diversas abordagens.

Em Porto Alegre, o fato de estudantes de arquitetura e de engenharia trabalharem juntos aportou novas questões. De fato, sobre os territórios autoconstruídos, os engenheiros têm uma abordagem muito pragmática, mas têm grandes precauções no que se refere ao social: “temos as soluções técnicas, mas não as de natureza social!”. Os estudantes de arquitetura tentaram dar conta desse desafio, mas, por vezes esqueceram de fazê-lo a partir de seu campo de competências, a arquitetura.

Nos bairros autoconstruídos, o trabalho de campo é incontornável para documentar e compreender uma situação de projeto: como se constitui esta situação? Quem faz o que sobre o território? O que não é gerido pelos que habitam um território? Etc. Estes questionamentos possibilitam imaginar o que seria possível em termos de ações.

Ainsi, même si les sites étaient très proches et similaires, le retour des étudiants sur l'expérience de terrain de chacune des huit équipes a révélé que les démarches déployées étaient en fait d'une grande diversité, à savoir :

- observations sur le site pour recenser un éventail de problématiques qui seraient à prendre en compte ;
- dessiner in situ pour révéler un territoire et engager un échange avec ceux qui l'habitent ; les dessins-intentions se précisent chemin faisant... ;
- instaurer une discussion avec les habitants grâce à l'organisation d'un événement in situ (un 'maté social') qui vise à déclencher un processus (social, spatial, individuel, collectif...);
- accorder une place centrale à ce que les habitants font déjà in situ pour imaginer comment donner de l'importance : ce qui se fait déjà donne à voir que c'est faisable ;
- entrer par les acteurs et, comme il y a des choses à faire, s'interroger sur qui va pouvoir les faire et en fonction de qui, comment elles pourront être faites ? Selon quelles temporalités ? Avec quels investissements ?

- essayer de réunir les acteurs qui se trouvent sur place par une action-événement in situ (une ONG et une école autour de 'planter des arbres') ;
- identifier des actions à mener à court terme et à long terme, en donnant une place aux personnes les plus précaires, stratégie nécessitant la mise en place d'un nouvel acteur (association d'habitants et de spécialistes de l'espace).

Trois questions ont lancé et structuré les échanges, les démarches, les productions en tant qu'architectes :

- De quoi sommes-nous compétents ?
- À quoi pouvons-nous servir ?
- Pour qui travaillons-nous ?

En termes de contenu : qu'est-ce qui fait 'bien commun' ?

Le travail collectif dans ce workshop a constamment concerné un enjeu de société autour de l'eau, et de manière plus générale la question du 'bien commun'. Lorsque le regard se porte sur la production des sept équipes de ce workshop, il apparaît que chacun des sites proposés à la réflexion rend compte des mêmes enjeux :

déchets, égouts, risques, insécurité, chute des arbres, glissements de terrain...

Les discussions portaient très souvent sur ces aspects vus comme des problèmes ou des dysfonctionnements. Or, vu le décalage géographique, culturel ou disciplinaire entre des étudiants français (premier séjour en Amérique du Sud pour la majorité d'entre eux) et des étudiants brésiliens (n'ayant pour la plupart jamais mis les pieds dans des favelas), beaucoup de ces commentaires sont à comprendre par la découverte de situations inconnues ou ignorées.

Pourtant, le terrain donnait à voir comment un habitant, Jorge, dont la maison était pratiquement les pieds dans l'eau, voyait l'état du cours d'eau et des déchets qu'il charriait comme une aubaine pour agir, nettoyer et utiliser les déchets apportés par le ruisseau pour fabriquer des terrasses pour jardiner.

Cet exemple montre comment ledit problème des déchets a une valeur positive pour Jorge.

Ces différents aspects invitent à donner de l'importance à la question du 'bien

De retour à Paris, les questions relatives au rôle de l'architecte et de l'architecture dans l'autoconstruction ont été discutées. Desprovidos des instruments et des procédures habituels, les étudiants ont souligné les différentes manières de jouer opérées par les équipes sur le terrain. Ainsi, même que les sites fussent proches et similaires, le retour des étudiants sur les expériences de chaque une des équipes a révélé que les procédures employées de fait présentaient une grande diversité, à savoir :

- Observations directes sur le site visant à identifier le spectre de problèmes à résoudre ;
- Dessiner in loco pour révéler un territoire et promouvoir des échanges avec ceux qui l'habitent ; les dessins-intentions se précisent chemin faisant... ;
- instaurer une discussion avec les habitants grâce à l'organisation d'un événement in situ (un 'maté social') qui vise à déclencher un processus (social, spatial, individuel, collectif...);
- accorder une place centrale à ce que les habitants font déjà in situ pour imaginer comment donner de l'importance : ce qui se fait déjà donne à voir que c'est faisable ;
- entrer par les acteurs et, comme il y a des choses à faire, s'interroger sur qui va pouvoir les faire et en fonction de qui, comment elles pourront être faites ? Selon quelles temporalités ? Avec quels investissements ?

- essayer de réunir les acteurs qui se trouvent sur place par une action-événement in situ (une ONG et une école autour de 'planter des arbres') ;
- identifier des actions à mener à court terme et à long terme, en donnant une place aux personnes les plus précaires, stratégie nécessitant la mise en place d'un nouvel acteur (association d'habitants et de spécialistes de l'espace).

Trois questions ont lancé et structuré les échanges, les démarches, les productions en tant qu'architectes :

- De quoi sommes-nous compétents ?
- À quoi pouvons-nous servir ?
- Pour qui travaillons-nous ?

En termes de contenu : qu'est-ce qui fait 'bien commun' ?

Le travail collectif dans ce workshop a constamment concerné un enjeu de société autour de l'eau, et de manière plus générale la question du 'bien commun'. Lorsque le regard se porte sur la production des sept équipes de ce workshop, il apparaît que chacun des sites proposés à la réflexion rend compte des mêmes enjeux :

nadas à l'eau et, de manière plus générale, à la question du 'bien commun'.

Quand nous regardons la production des sept équipes participantes au workshop, il semble que chaque un des sites proposés pour réflexion mette en évidence les mêmes questions : déchets, égouts, risques, insécurité, chute des arbres, glissements de terrain...

Les discussions portaient très souvent sur ces aspects vus comme des problèmes ou des dysfonctionnements. Or, vu le décalage géographique, culturel ou disciplinaire entre les étudiants français (premier séjour en Amérique du Sud pour la majorité d'entre eux) et les étudiants brésiliens (la plupart n'ayant jamais mis les pieds dans des favelas), beaucoup de ces commentaires sont à comprendre par la découverte de situations inconnues ou ignorées.

Pourtant, le terrain donnait à voir comment un habitant, Jorge, dont la maison était pratiquement dans l'eau, voyait l'état du cours d'eau et des déchets qu'il charriait comme une aubaine pour agir, nettoyer et utiliser les déchets apportés par le ruisseau pour fabriquer des terrasses pour jardiner. Cet exemple montre comment ledit problème des déchets a une valeur positive pour Jorge. Ces différents aspects invitent à donner de l'importance à la question du 'bien

commun’. Le fait que l’eau soit au cœur du workshop met l’accent sur une première acception d’un ‘bien commun’, comme bien universel. Dans la ‘Bacia Mãe d’Água’, l’eau est en situation de fragilité ; comment faire pour améliorer la situation ? Chaque habitant, conscient que les égouts, les déchets, la qualité de l’eau sont des questions d’importance pour lui et sa famille, fait tout ce qu’il peut pour les résoudre à l’échelle de sa maison. Néanmoins souvent, il reporte le problème sur le voisin qui doit à son tour gérer le problème. Et ainsi de suite...

Dans cette situation de Porto Alegre, le ‘bien commun’ est un enjeu. Mais comment l’énoncer en tant qu’enjeu pour la communauté et ce territoire ? Et d’abord, de quelle communauté parle-t-on ? Ce qui pourrait faire communauté ici c’est ‘le bassin versant’ (c’est aussi ce qui relie les 8 sites proposés au workshop). Aujourd’hui, il y a un acteur “municipalité” et un acteur “habitant” ; les projets à construire ne nécessiteraient-ils pas de faire apparaître un nouvel acteur : “la communauté du bassin versant ‘Bacia Mãe d’Água’” ?

Perspectives : développements de la coopération avec le Brésil

L’UFRGS a profité également de l’atelier international de 2016 pour innover. En effet, cet atelier a été inscrit dans un cadre institutionnel particulier au Brésil appelé “Extensão”. L’objectif de l’“Extensão” est de créer des interrelations entre l’université et la société. Le choix de proposer l’atelier international comme “Extensão” s’est articulé à un projet du Service des Relations Internationales de l’UFRGS, présenté officiellement en mai 2015 par le Prof. Nicolas Maillard, Secrétaire de Relations Internationales (RELINTER/UFRGS), et qui vise une “internationalisation de ladite Extensão”. Ainsi, le service international de l’UFRGS a entrevu l’atelier international à Porto Alegre en 2016 comme une “expérience-test”. Dans cette perspective, il a appuyé cette action et l’a suivie de près. L’inscription de la coopération avec le Brésil dans le cadre de ladite “Extensão” a offert une forme de collaboration régionale pour des actions futures de la coopération *France & Mercosur+*. João Farias Rovati en a fait une présentation dans un colloque à Concepción au Chili avec une

professeure de la Faculté de Architecture e Urbanismo de la Universidade (USP) de São Paulo, Profa. Dra. Camila D’Ottaviano, qui a déjà une longue expérience de l’“Extensão”. Cette dynamique croisée a ouvert le projet d’un workshop en 2019 avec la UFRGS de Porto Alegre et la UPS de São Paulo. Les contacts sont en place pour poursuivre cette expérience brésilienne...

Toutefois, en 2017 déjà, ce partenariat a une échéance. Une demande faite en 2016 à Erasmus + pour une mobilité entrante de professeur de l’UFRGS vers l’ENSAPLV a été acceptée. Ainsi, le Professeur João Farias Rovati participera à divers de nos enseignements à Paris en juin et juillet 2017, parmi lesquels la présentation publique du workshop 2017 de la coopération *France & Mercosur+* qui se tiendra à Filadélfia au Paraguay, ainsi que les soutenances de diplômés d’État d’architectes (les PFE, projets de fin d’études) qui se tiendront du 3 au 6 juillet 2017.

problema do lixo tinha um valor positivo para Jorge.

Estes diferentes aspectos nos convidam a ressaltar a importância da questão do “bem comum”. O fato da água estar no centro do workshop dá relevo a uma primeira aceção de “bem comum”, como bem universal. Na Bacia Mãe d’Água, a água está em situação de fragilidade: como fazer para melhorar tal situação? Cada habitante, consciente que o esgoto, o lixo e a qualidade da água são temas importantes para eles e suas famílias, faz tudo que está a seu alcance para resolvê-los na escala de suas moradias. Entretanto, frequentemente, ele remete o problema a seu vizinho, que deveria por sua vez dar conta do problema. E assim por diante...

Nesta situação de Porto Alegre, o “bem comum” é em si uma questão. Mas, como anunciá-lo como questão para a comunidade e seu território? E, inicialmente, de que comunidade estamos falando? O que poderia constituir uma comunidade aqui é a “bacia hidrográfica” (que é também o que relacionava os oito sítios propostos para o workshop). Hoje, há um ator “municipalidade” e um ator “morador”;

os projetos a construir não demandariam o aparecimento de um novo ator, “a comunidade da Bacia Mãe d’Água”?

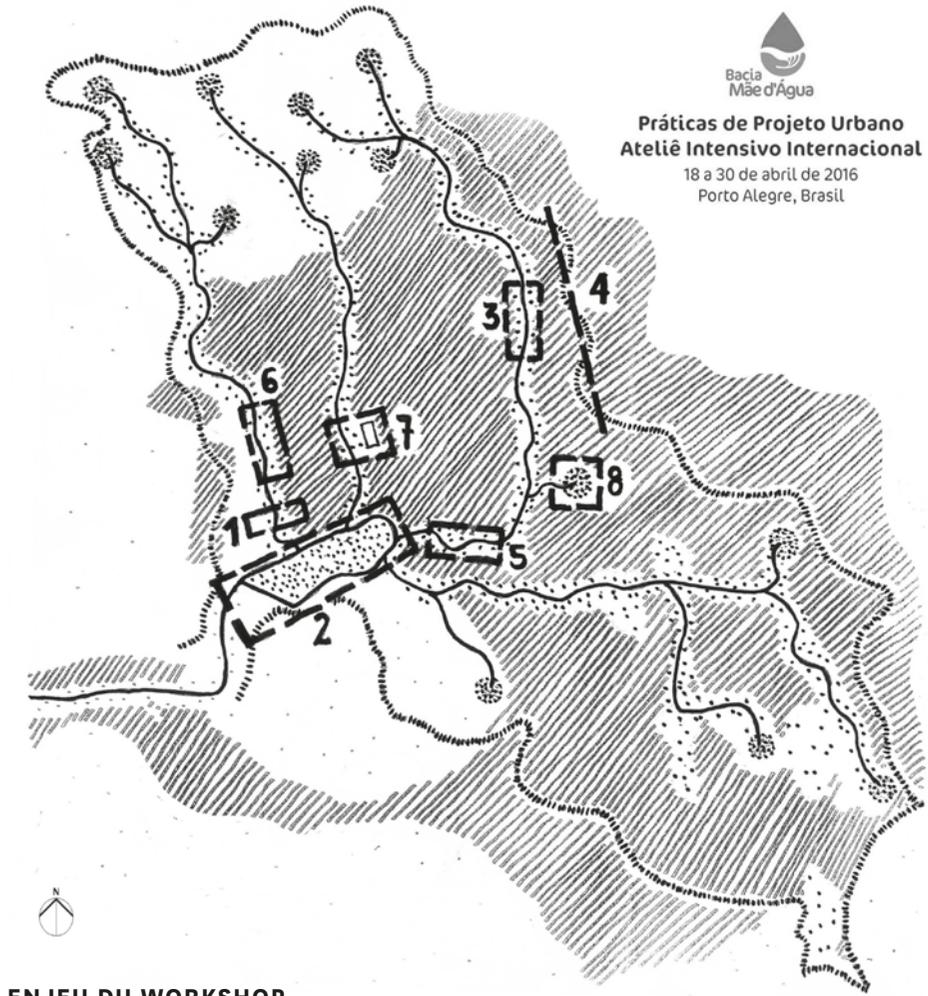
Perspectivas: desenvolvimento da cooperação com o Brasil

A UFRGS aproveitou a realização do ateliê internacional para inovar. Com efeito, o ateliê se inscreveu em um quadro institucional particular ao Brasil, a chamada “Extensão”. O objetivo da Extensão é promover o relacionamento da universidade com a sociedade. A escolha de promover o ateliê internacional como atividade de Extensão se articulou a um projeto da Secretaria de Relações Internacionais da UFRGS (RELINTER/UFRGS) apresentado oficialmente em maio de 2015 pelo professor Nicolas Maillard, Secretário de Relações Internacionais da Universidade, visando a internacionalização da Extensão. Assim, a RELINTER viu o ateliê internacional realizado em Porto Alegre em 2016 como uma “experiência-teste”. Desse ponto de vista, a atividade foi acompanhada de perto por este secretariado.

A inscrição da cooperação com o Brasil no quadro da Extensão ofereceu uma nova forma de colaboração regional para

ações futuras da cooperação *França & Mercosur+*. João Farias Rovati apresentou um relato dessa experiência em colóquio realizado em Concepción, no Chile, em parceria com Camila D’Ottaviano, professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (USP), instituição que já acumula longa experiência de Extensão. Esta dinâmica entrecruzada abriu a possibilidade de realização de um workshop em 2019 reunindo a UFRGS, de Porto Alegre, e a USP, de São Paulo. Os contatos visando o prosseguimento desta experiência brasileira já começaram.

Entretanto, em 2017, essa parceria já tem um resultado. Uma demanda, feita em 2016 para o programa Erasmus+, para mobilidade de professor da UFRGS à ENSAPLV, foi aceita. Assim, o professor João Farias Rovati participará de diversas atividades, em Paris, de junho a julho de 2017, entre elas a apresentação pública do workshop 2017, da cooperação *França & Mercosur+*, que se realizará em Filadélfia, no Paraguai, bem como das avaliações dos trabalhos finais de diplomação que se realizarão de 3 a 6 de julho de 2017.



TERRITOIRE ET ENJEU DU WORKSHOP

Schéma illustrant le site de travail déterminé par le 'bassin versant' appelé 'Bacia Mãe d'Água' ('Mère de l'eau') d'une étendue d'environ 3 km x 1 km, avec ses 13 sources d'eau et ses ruisseaux. Les rectangles illustrent les 8 sites de travail proposés au workshop où l'habitat autoproduit (favelas) et l'eau se rencontrent de manières distinctes.



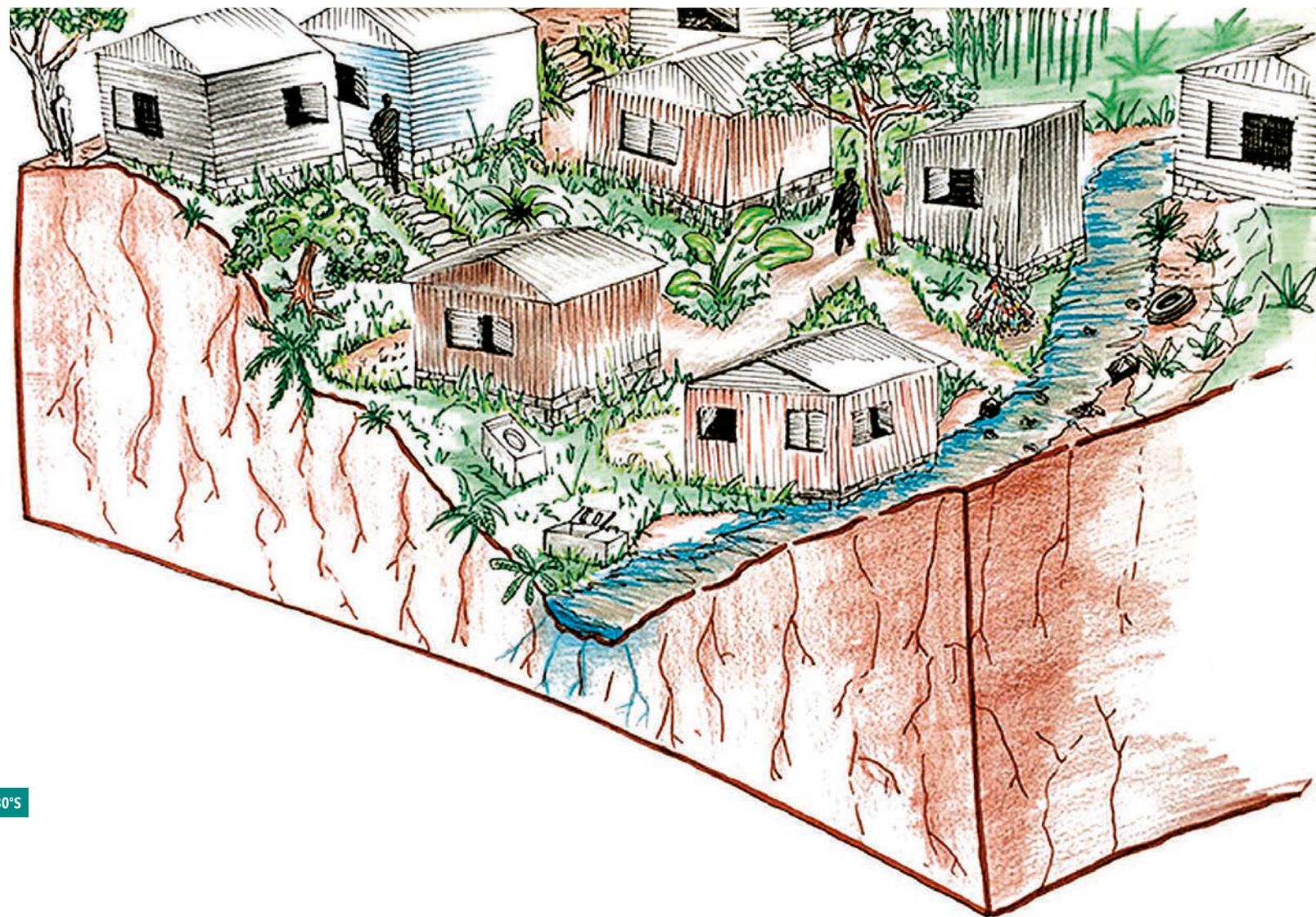
30°S

274



30°S

275

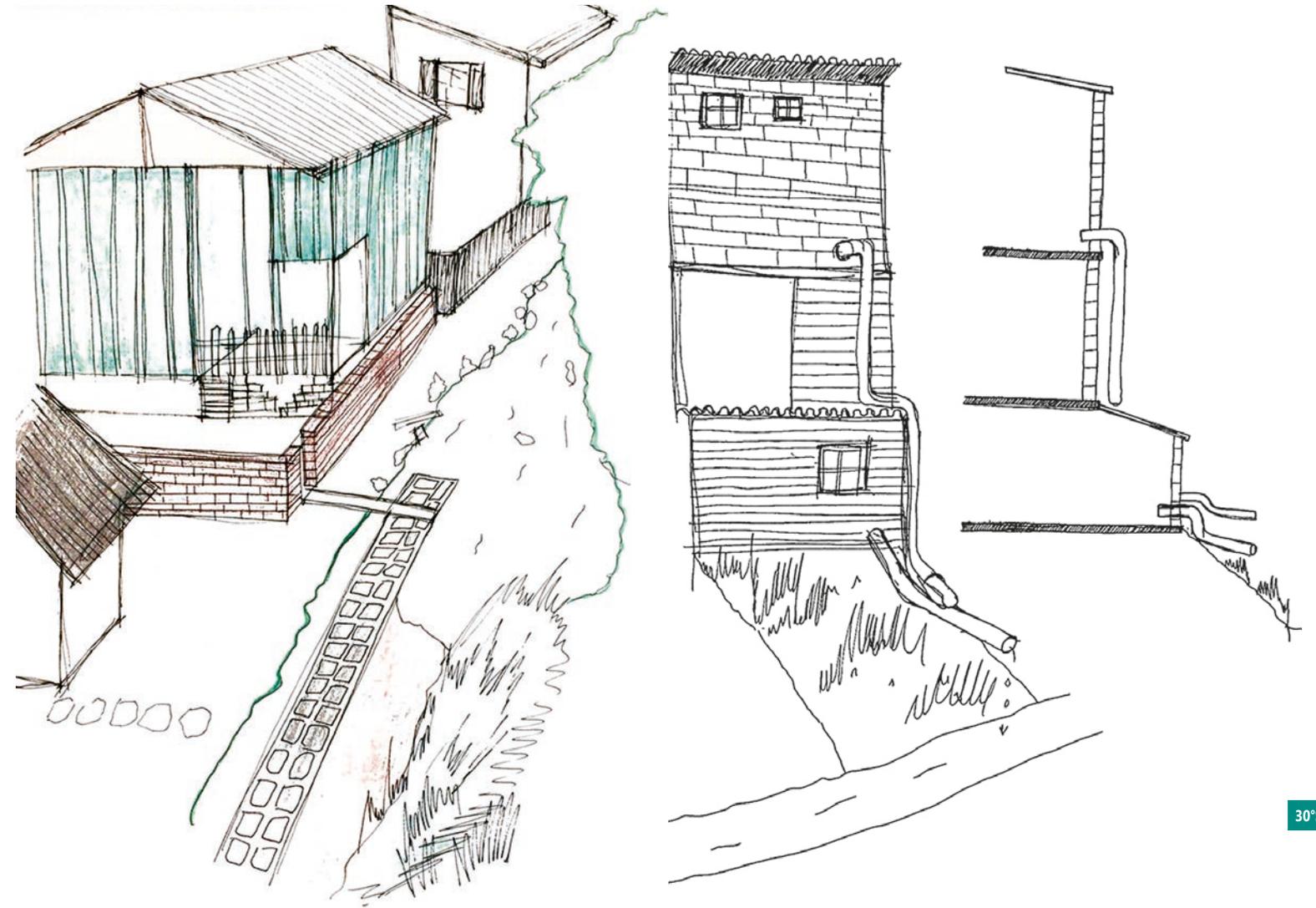
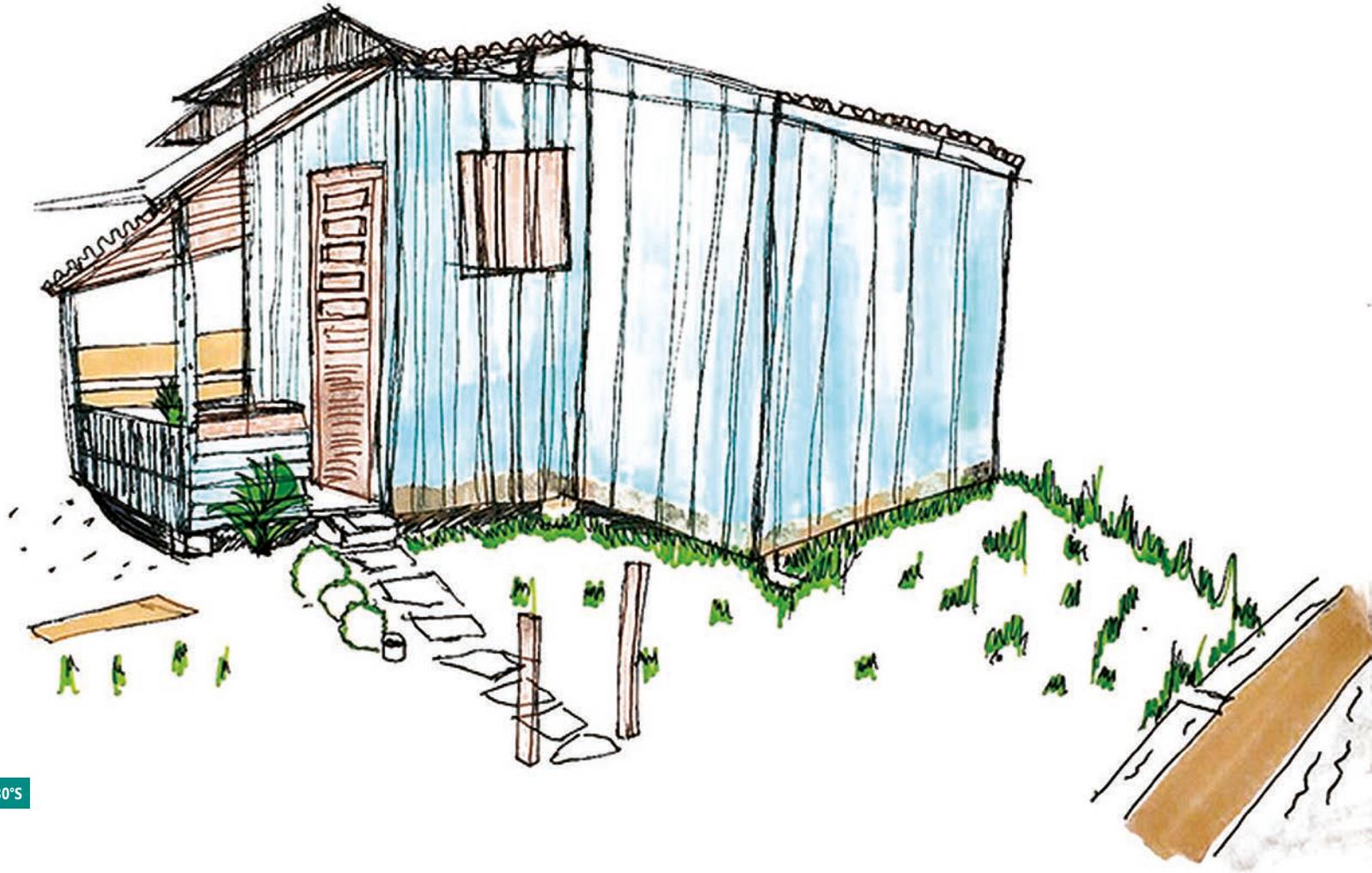


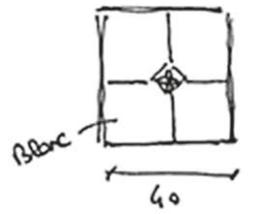
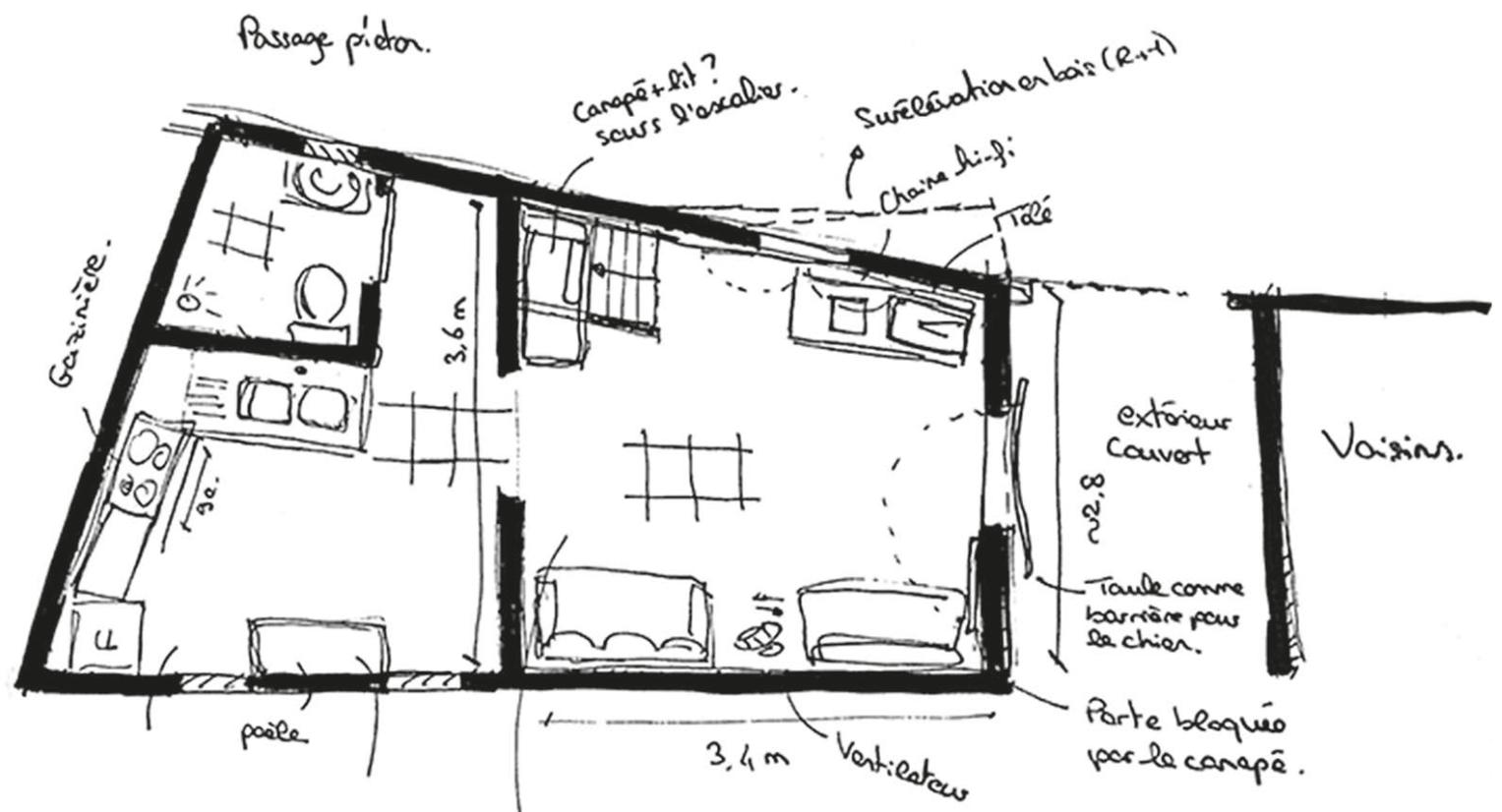
30°S



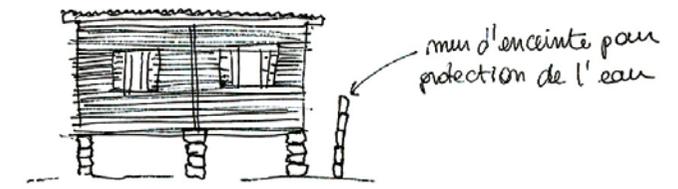
30°S



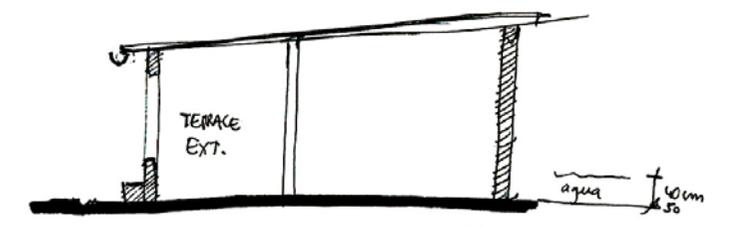
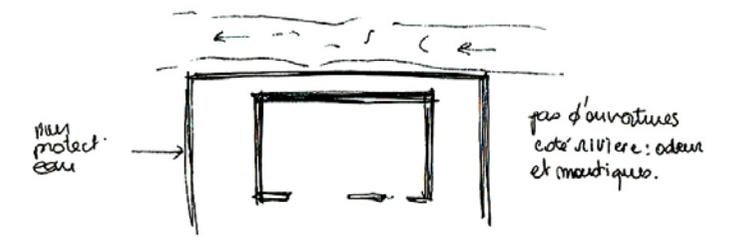
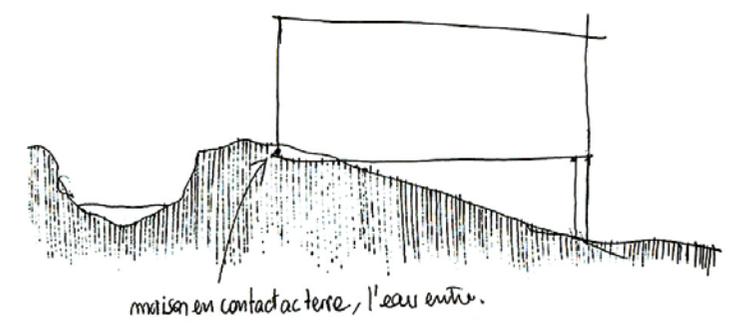




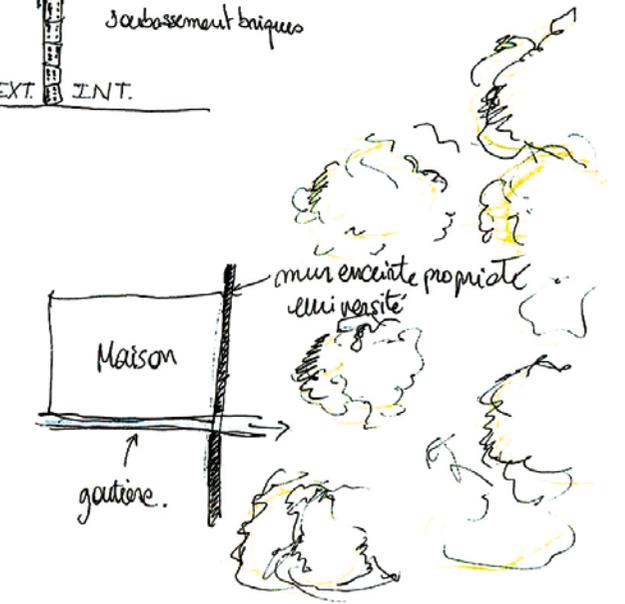
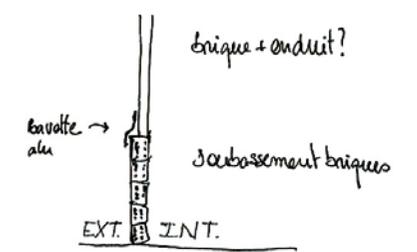
au Rdc: enduit - brique ?
enduit et peint à l'intérieur.
Carrelage au sol



- pas de fenêtre côté eau à cause des moustiques et l'odeur
 - mur d'enceinte pour l'eau
 - Elle pose une personne pour nettoyer les vitres.
- Maison plus impactée car l'eau rentre :



- l'eau entre dans la maison ≈ 40cm/50cm
- Elle a changé de maison : bas / plus élevée, et l'eau l'auteur.





La Maison
en face de la source.
on n'attend cauler du salon.

Giustina - Giulia.
~~Giustina - Giulia~~ et deux enfants.
ici depuis 40 ans.
elle a acheté la maison 8000 \$R (2000€)
elle ne partirait pour rien.

Jeu 54. Laisser les gens parler pendant 10-20 min.



Organisation.
Urban Café.
Urban Café.

• Groupe de 2-3 personnes autour
d'un papier.
Des questions posées. **LUCAS**
5 à 10 minutes.
↳ Interactions.
On peut échanger les groupes.

• Un échange plus classico. ^{Risque: que certains ne parlent pas}
Importance qu'il y ait les enfants.
Mental Card.
Arriver à poser la bonne question
pour créer un échange entre les
habitants.

• Ils ont des points de vue ≠.
Il importe de faire parler les gens
entre eux pour comprendre comment
marche le groupe.



Quand quelqu'un fait quelque chose, il veut quelque chose en retour.
C'est difficile de s'interposer sans les autres.

↳ On.
il y aurait une autre source.
Les gens ne s'habitent pas au son mensuel.
Ici tout le monde travaille, il y a peu de communication.



Stacie
Maison au
dessus de AICA.
elle ne viendra pas
à l'urban café.

